

**[mb:focoestratégico]**

**Glicério B**  
**Pequeno ensaio metodológico**

Preparado com exclusividade para LABPARC/FAU

Dezembro 2003

# I. Introdução

## 1. Contexto

Através de contrato entre a FUPAM e a SEHAB, o LABPARC realiza estudo com o objetivo de fornecer subsídios para uma proposta de intervenções pontuais em duas regiões da cidade de São Paulo: o PRIH-Brás e o PRIH-Glicério A e B.

O estudo constará de levantamento morfológico e de uso dos espaços públicos e pressupõe que as intervenções estejam em sintonia com as necessidades da população local.

A fim de conhecer as expectativas da população, o LABPARC decidiu realizar um pequeno estudo qualitativo junto a segmentos do Glicério B.

Duas preocupações orientaram a pesquisa:

- Compreender as demandas da população
- Iniciar um novo procedimento interno ao LABPARC no sentido de abrir novas perspectivas de investigação e aproximação às populações que serão alvo de intervenções.

## 2. Objetivos

O estudo foi norteado pelos seguintes objetivos centrais:

- Levantar a relação que os moradores estabelecem com o bairro, dos pontos de vista concreto, emocional e simbólico.
- Conhecer as principais demandas em relação aos espaços públicos disponíveis no local.

### **3. Áreas de abordagem**

- Relação com o bairro – significados objetivos e subjetivos
- Memória espacial dos moradores do perímetro do Glicério B
- Significados atribuídos aos espaços públicos locais
- Dia-a-dia no bairro – rotinas, hábitos espaciais, percursos, significados ícones, símbolos marcantes
- Relações de vizinhança
- Principais marcos da paisagem – percepção, significados, expectativas
- Espaços preferidos; espaços vedados; espaços deteriorados
- Relação com marcos da paisagem
- Expectativas e desejos de interferência na paisagem.

### **4. Metodologia**

O estudo foi realizado através do método qualitativo, utilizando-se a técnica da Discussão em Grupo.

Foram realizados 4 grupos compostos de moradores do Glicério B, assim estruturados:

- 1 grupo de jovens com idades entre 16 e 20 anos
- 1 grupo de jovens adultos com idades entre 23 e 35 anos
- 1 grupo de adultos de 36 a 45 anos
- 1 grupos de “maduros” com idade superior a 46 anos

## **5. Roteiro**

- Apresentação
- Aquecimento – quem são; como é o dia-a-dia; finais de semana; o que costumam fazer; tempo de moradia no bairro; onde moram; com quem; como chamam o bairro
- Relação com o bairro
- Sentimentos em relação ao bairro
- Histórias pessoas X bairro
- Principais lembranças – trajetos, pontos de encontro, locais com significados especiais
- Pontos positivos e pontos negativos
- Pontos de referência do bairro – como as pessoas se localizavam; como o bairro se caracterizava
- Pontos de referência atuais

## **6. Datas**

Os grupos foram realizados nos dias 29 e 30 de 2003.

## II. Análise

Este trabalho parte da noção de que o “homem comum”, além de consumidor, é também autor. De atos, práticas e apropriações, mesmo que tão-somente na condição de usuário. Ou seja, nem sempre “entregue (apenas) à passividade e à disciplina” impostas pelo consumo. (Michel de Certeau, “A Invenção do Cotidiano”, pág 37).

Sendo essa noção válida especialmente para os que ocupam as posições mais “fracas” no cenário social.

- O habitante das regiões pobres e deterioradas da cidade, que com elas se identifica e que não é produtor de sentidos culturalmente hegemônicos.

Neste sentido, ousamos dizer que esse trabalho trata do **“homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável”**. (...) **“Herói anônimo (que) vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades”**. (Certeau, pg 57)

A Antropologia e a Sociologia ocupam-se do anônimo e do cotidiano. Fenômenos que, no âmbito da segunda, podem ser calculados, quantificados, racionalizados, tratados, enfim, pela Estatística.

Mas, aqui, a tentativa será a de **“de ‘dar a palavra’ às pessoas ordinárias”**, o que introduz o método e precisa o instrumento de coleta utilizado: a conversa, não de todo diretiva; a abordagem de poucos indivíduos, em local próximo de seus lugares de moradia; o encarar de seus discursos como manifestação da síntese de uma pluralidade de relações socialmente construídas.

Dar voz aos homens comuns, olhar o cotidiano como repleto de **“maravilhas”**, tratando de acreditar na **“liberdade gazeteira das práticas”**. (Certeau, pág 18 e 19)

Ponto de incidência do olhar: as práticas comuns, o cotidiano, as **“operações dos usuários”**. (Certeau, pág 37)

Um modo particular de olhar e pensar essas práticas cotidianas dos consumidores, práticas “táticas” (e não “estratégicas”, conforme Certeau).

**“Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos”**. (Certeau, pág. 103)

Uma tentativa de apreender a “fabricação” de outros sentidos na apropriação de bens como o espaço público, os produtos do supermercado, as notícias do jornal, as novelas da Tv, expressa pelas “maneiras de empregar” esses bens. (Certeau)

Mas do que estamos falando? De que cotidiano?

Recorremos, então, à noção de “conhecimento prévio”, sugerido por Zygmunt Bauman em “O Mal-Estar da Pós Modernidade”.

Na visão do autor, a vida cotidiana supõe uma “pré-seleção e pré-interpretação” do ambiente pelo indivíduo:

**“Cada um de nós, em nossas atividades diárias, e sem muito pensar a esse respeito, utiliza um número tremendo de produtos dessa pré-seleção (...) que se unem para o que Schütz chama de ‘fundo de conhecimentos à mão’. Sem tal conhecimento, viver no mundo seria inconcebível. Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo ‘pré-fabricado’, em que certas coisas são importantes e outras não o são (...). Acima de tudo, ingressamos num mundo em que uma terrível quantidade de aspectos são óbvios a ponto de já não serem conscientemente notados e não**

***precisarem de nenhum esforço ativo, nem mesmo o de decifrá-los, para estarem (...) presentes em tudo o que fazemos – dotando (...) nossos atos (...) de uma solidez de ‘realidade’.*** (Bauman, O Mal-Estar da Pós-Modernidade, pág 17)

E para que serve esse “fundo de conhecimento”? Para fornecer fórmulas de operação no dia-a-dia, sem o auxílio das quais, cada indivíduo teria que re-inventar-se a cada momento; para conferir segurança, “luzes de pista” numa sociedade em mutação constante, onde o que era válido ontem, já não o é mais, hoje.

### **De quem e com quem falamos?**

Para definir de quem e com quem falamos, vamos evocar alguns paradigmas que caracterizam a era pós-moderna (Bauman).

Entre eles, notadamente, as idéias de mal-estar, insegurança, incerteza, fluidez das relações sociais, desordem...

Em contraposição às idéias de segurança, estabilidade, certeza, regulação, ordem.

Nesse meio, uma questão central: **a idéia de pureza.**

Um ***“ideal, visão da condição que ainda precisa ser criada, ou da que precisa ser (...) protegida (...).”*** (Bauman, pág 13)

Pureza: ***“uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, (...); e é uma visão da ordem – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro”.*** (Bauman, pág 14).

Ordem = norma = lugar certo

em contraposição

Às coisas “fora do lugar”: desordem, sujeira, o instável, o inseguro.

**“A sujeira ‘é essencialmente desordem. Não há nenhuma coisa que seja sujeira absoluta. Ela existe ao olhar do observador (...) A sujeira transgride a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente’”.** (Bauman citando a antropóloga Mary Douglas, pág 16)

O “já dado”, fornece receitas para o dia-a-dia, permite as rotinas, a organização, deixa o indivíduo seguro e o que escapa dessas receitas, ao contrário, suscitam a insegurança.

Nesta medida, tudo o que é – ou parece ser - diferente e “estranho”, causam impacto.

A sujeira, portanto, desafia a organização. E o “estranho” constitui exatamente a síntese da sujeira, o que ameaça e se contrapõe às “pessoas do lugar”. (Bauman, pág 19).

**“Num mundo constantemente em movimento, a angústia que se condensou no medo dos estranhos impregna a totalidade da vida diária – preenche todo fragmento e toda ranhura da condição humana”.** (B., pág 21)

Medo de muitas coisas: do diferente, muitas vezes do novo, do inusitado; sobretudo do que parece ameaçar a condição de liberdade e livre escolha que cada um se atribui.

No mundo pós-moderno – onde estilos e padrões de vida livremente concorrentes se multiplicam, disputando incessantemente o indivíduo e suas escolhas e preferências – o “teste da pureza” corresponde a **“mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a ‘sujeira’ da pureza pós-moderna”.** (B., pág 23)



O grande “critério” da pureza: a aptidão para o consumo, a capacidade de escolha.

Os que ficam de fora do espetáculo do consumo são “**consumidores falhos**”: ***“incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser ‘indivíduos livres’ conforme o senso de ‘liberdade’ definido em função do poder de escolha do consumidor”***. (B. pág 24)

Excluídos, mal dão conta da própria sobrevivência – material, moral, psicológica, simbólica, cultural.

Beneficiários de políticas públicas (financiadas com o \$ do contribuinte), precisam ser controlados, vigiados, detidos – (***“se isso for mais barato do que reciclá-los”***)

***Se “a busca da pureza moderna expressou-se diariamente com a ação punitiva contra as classes perigosas; a busca da pureza pós-moderna expressa-se diariamente com a ação punitiva contra os moradores das ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os vagabundos e indolentes”***. (Bauman, pág 26)

O “estranho” é odioso, temido, evitado. Circunscrito ao seu próprio mundo, não ameaça, a menos que se vá até ele. No mundo dos não-estranhos, estão presentes para servi-los: são “fornecedores de prazeres”. (Bauman, pág 41)

Os “consumidores” (os “não-estranhos”, os “puros”) não visitam as regiões da cidade habitadas pelos “estranhos” a não ser quando não têm outra alternativa: ***“áreas habitadas por pessoas incapazes de escolher com quem elas se encontram e por quanto tempo, ou de pagar para ter suas escolhas respeitadas; pessoas sem poder, experimentando o mundo como uma armadilha, não como um parque de diversões,; encarceradas num território de que não há nenhuma saída para elas, mas em que outras podem entrar ou sair à vontade”*** e que recorrem aos únicos recursos de que dispõem: a defesa do seu(?) território através de ***“rituais, vestindo-se estranhamente, inventando atitudes bizarras, quebrando normas, quebrando garrafas, janelas, cabeças (...)”***. (Bauman, pág 41/42)

Em estudos sobre o sistema penitenciário, Luiz Carlos da Rocha chama a atenção sobre a identificação histórica entre pobreza e criminalidade no Brasil.

***“No Brasil, ninguém desconhece que é nas favelas, nas vilas operárias da periferia e nas concentrações de habitações coletivas de regiões decadentes das cidades, que as forças policiais vão procurar os renovados contingentes de pobres que abarrotam as cadeias e as prisões. Aprisionamento é destino guardado aos pobres, aos desprovidos de bens e de direitos.”***

(Luiz Carlos da Rocha, “A Prisão dos Pobres”, tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1994, pág 9).

Trata-se de um fenômeno de generalização de uma percepção:

***“todas as características da porção mais pobre da população trabalhadora passam a ser percebidas publicamente como sinais seguros da própria criminalidade: vestimenta simples e surrada, sinais de desnutrição, desemprego, grupo familiar destruído, morar em favela e cortiço, cor de pele, hábitos de linguagem, etc..”***

(Luiz Carlos da Rocha, “Vidas Presas”, dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1984, pág 11)

*Alguma semelhança com o bairro estudado?*

Ao adotar como ponto de partida as práticas de um “outro” que constitui o elo mais fraco nas relações sociais, devemos pensá-lo sempre como alguém que não é apenas consumidor passivo, mas que todo o tempo, re-constrói e re-significa os sentidos daquilo que consome (ou daquilo que desejaria consumir).

Esse indivíduo, alvo de nosso esforço de pesquisa – como de políticas públicas, da investigação por várias Ciências, da benemerência de muitos - tem seus critérios próprios de julgamento do que lhe convém e do que não lhe convém e pratica sua liberdade de escolha, muitas vezes apenas buscando adequar-se às expectativas que imagina que os que sabem – e que têm, que são! – carregam a seu respeito. Como adverte Certeau:

**“ ‘Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas’. Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos”. (Certeau, pág 19)**

## **Os achados**

Uma gama de articulações do discurso – do mais ao menos articulado.

Discursos que refletem práticas de sobrevivência, práticas cotidianas de circulação, consumo e reprodução - mais táticas que estratégicas - que revelam a percepção de mundo dos respondentes.

Em que lugar eu vivo? Como sobrevivo nele? Como o avalio?

## Uma primeira distinção

- **Nós**, os moradores do Glicério e **eles**, os pesquisadores.
  - O que eles desejam que seja dito, descrito, relatado?
  - O que você espera de mim?
  - Poder falar, ter a chance de manifestar uma visão, uma opinião – sim, isso interessa. Quando isso acontece?
  - Mas há o temor da represália ao gravar um depoimento, ao lado do desejo de ser ouvido, considerado.
  - Quem são vocês? Autoridades? Professores? Pontes entre nós e os outros?

A condição dos outros (os iguais a mim ou quase), sua pobreza, transformada em objeto de discurso na medida da presença de outros “outros” (os não-iguais, os pesquisadores, professores...)?

Os iguais transformados em outros, distanciados: mais miseráveis, abandonados, excluídos, carentes, especialmente sob algumas condições: as crianças, os velhos, as mulheres, os moradores de rua, os jovens...

## Uma segunda distinção

- **Nós**, moradores convidados a falar e **eles**, moradores sobre os quais se fala:
  - *Nós*, viventes dos mesmos lugares, pobres mas honestos, dignos, com capacidade de indignação diante da (maior) pobreza dos outros;
  - *Eles*, os corticeiros, os bagunceiros, os perigosos, sujos, contaminados, sem opção.
  - *Todos*: feios, sujos, despossuídos.

## Um lugar?

O bairro: lugar que “não é bom de se pensar”, onde “falta quase tudo” – escolas, praças, mercados, transporte, lazer, limpeza, manutenção, iluminação, segurança, solidariedade, encontro entre as pessoas...

A sensação recorrente de abandono e vazio (de sentidos? de símbolos?).

Gente esquecida. Feios, sujos, pobres: as ruas, as praças, as pessoas.

***“Tem muita gente carente, que mora em cortiço, pegando a av. Glicério até o Centro só tem cortiço, é uma moradia precária, uma coisa assim, que sei lá... Dá dó, como pode as crianças viverem daquele jeito? Como as pessoas podem viver daquele jeito, as famílias, as mulheres, têm 5,7,8 filhos, tudo pequenininho, tudo no meio da rua? Entra dentro e tem portão de madeira aindo aos pedaços, os quartinhos são tudo assim... é terrível, fico impressionada quando eu vejo essas coisas”.***

Quase nunca referido pelo nome correto: Baixada do Glicério, em função da “má fama”, o bairro tem sua identidade ameaçada.

***“Eu chamo de Liberdade”.***

***“Cambuci, Centro, perto do Glicério e da Liberdade”.***

***“Você fala que mora no Glicério... já acham que você está no meio, está infiltrado no meio da marginalidade...”***

***“Acho que é muita pobreza, muita gente carente”.***

***“Aqui no Glicério... inclusive eu conhecia uma rapaziada que chegou a morrer. O crime está em todo lugar, desde a infância até o adulto, o crime está em todo lugar”.***

***“Eu sou uma... ‘na Baixada do Glicério não moro nem que a vaca tussa!’”***

***“Não sei, vêm a Baixada como se fosse a Baixada Fluminense do Rio de Janeiro”.***

Em geral, adultos e idosos declaram que, apesar dos problemas, gostam de morar no Glicério: pela localização central do bairro, pelo acesso fácil a transporte público, pela proximidade de bairros “bons”.

***“Eu adoro morar aqui, gosto muito desse bairro do Cambuci, é tudo perto, perto do centro, tem ônibus pra tudo que é lado... perto do metrô, da Estação Dom Pedro, pode ir até a pé. E tem o bairro do Ipiranga, também que é perto... é tudo perto, uma beleza... o duro é pagar aluguel”.***

As coisas “boas” do Glicério, na verdade, são de outros bairros:

- O Largo do Cambuci, local de muito movimento, referência importante para todos os entrevistados, lugar de muita “vida”, onde se pode estar/ficar, com verde, bancos, segurança;
- A feira da Liberdade aos domingos, onde se pode passear;
- O Parque Dom Pedro, centro da metrópole;
- O Sesc Carmo (que nenhum deles frequenta, poucos sabem que existe);
- A “Barroca” (onde os meninos vão jogar futebol às segundas-feiras à noite).

Chama a atenção a ausência de referências a experiências positivas no bairro: a alegria, o encontro, a diversão estão ausentes dos relatos. A tônica está nas queixas e dentre elas, se destaca a questão da segurança.

Tem-se a impressão de tratar-se de um lugar de desesperança, onde o “tecido social”, rompido, não dá sinais de vitalidade ou reconstituição.

Mas a dignidade está presente e permanece no interior de cada um e no interior de cada casa. O espaço “público” não permite a sua expressão. Cada um carrega essa dignidade dentro de si.

***“A rua é ruim para você ficar, mal feita, não tem nada o que fazer, a gente fica só conversando um pouco, depois a gente entra (para dentro de casa)”.***

Mas, o que distingue cada um dos “outros”?

O que atesta a minha limpeza? Minha aparência é a mesma de todos, aos olhos de muitos: da polícia, dos habitantes de outros lugares da cidade, dos pesquisadores, das autoridades.

***“... a gente conhece bastante pessoas, só que tem uns que são mais errados, se a gente tiver que falar é só ‘oi’, porque você já é confundido direto colm ladrão aqui, se andar com a pessoa errada vai ficar mais visado ainda, a gente tem que evitar algumas pessoas por isso”.***

***“É o maior chato! Você sai na rua, está andando, os policiais mandam encostar na parede, revistam dos pés à cabeça... é chato. Tem vezes que é três vezes na mesma rua... perguntam se usa droga, se tem passagem pela Febem...”***

Corre-se o risco de ser confundido com os “perigosos”.

- Para os jovens, mais difícil é a diferenciação. Meninos e meninas dificilmente são distinguidos dos “outros” e vivem o drama cotidiano de ter que provar que são “limpos”, “honestos”, “estruturados”.
- Entre os adultos, os indicadores de diferenciação são mais claros..
- Na maturidade, ainda mais. A senhora de 81 anos é, seguramente, uma mulher respeitável. Seus modos, aparência, falar, andar, agir a põem a salvo.

Para quem tem história e passado no lugar, o bairro foi diferente: melhor ou pior.

Mais calmo e com possibilidades de atividades, mais bonito, mais limpo, mais solidário, mais importante no contexto da cidade.

- Tinha os italianos da rua São Paulo
- O Parque Xangai
- As festas na rua (Festa Junina e Carnaval)
- Cinema
- A conversa na calçada com cadeiras
- Tinha o Morro do Piolho.

***“A minha rua era bonitinha... agora cada um que compra (imóvel) já modifica tudo, está ficando feia a minha rua. Derrubam e fazem tudo moderno!”***

***“Cada prédio que cai, assim... eu choro pra caramba”.***

***“É que nem aquele lá... ‘Saudosa Maloca’”***

***“A gente vivia antigamente, filha, agora é que não se vive mais!”***

Ou menos calmo: mais perigoso, mais violento, mais pobre, mais esquecido ainda dos poderes públicos do que hoje.

Para quem está enraizado apenas no presente, o bairro é e sempre foi o que é hoje. Ou seja, “ruim de se morar”. Aqui, o desejo de mudança é claramente expresso, especialmente entre os jovens que não têm com o Glicério qualquer vínculo emocional e afetivo.

***“Eu não curto nada aqui, mesmo. Só jogar bola. Porque não tem nada pra fazer aqui”.***



Em contraposição, outros locais da cidade passam a ser idealizados.

A “vila” na periferia da cidade, é sinônimo de vida mais calma, laços mais intensos de amizade e solidariedade, alternativas de atividades (Zona Leste, Barra Funda, Bexiga, onde existem opções de lazer, uma tradição de “popular” sem ser miserável) - apesar da carência, a insegurança e a violência não estarem daí ausentes.

***“Jovens da minha idade aqui não têm opção, não têm nada para fazer. Eu me baseio como se fosse morar onde meus amigos moram, na Zona Leste, São Mateus. Eu ligo e pergunto: ‘o que você está fazendo?’ ‘Ah! Daqui a pouco vou jogar basquete’ ou ‘vou ao centro cultural porque está tendo evento’... e fico pensando e falo: ‘mãe, se for juntar dinheiro, vamos comprar uma casa lá na Zona Leste... porque aqui não tem nada pra fazer.’”***

Diante das condições do Glicério, viver e circular nele exige a adoção de certas táticas. Trata-se de assegurar a integridade física, em primeiro lugar, mas também a integridade moral.

Para quem tem condições, a circulação quase que só é feita de automóvel ou de transporte coletivo.

Para quem precisa andar a pé, o caminhar “tático” se impõe: trata-se de evitar as ruas e esquinas mais perigosas, os baixos de viadutos, os locais onde os “nóias” se reúnem...

***“Eu passo para o outro lado da calçada, desvio... quando eu vejo que tem muita política, confusão, desço pela outra rua, desvio. Dá medo porque são pessoas violentas, à vezes, você está passando... as meninas são mal-encaradas, você está passando, olha pro lado e falam: ‘o que você está olhando?’ e começam a fazer ‘barraco’”.***

A maior parte dos moradores costuma circular a pé e demonstra intimidade com os percursos e com as “coisas” que compõem o bairro: seus acidentes, viadutos, atividades, comércio, cruzamentos, áreas livres, perigos...

Para os que têm filhos, a ameaça da marginalidade ocupa o centro de suas atenções e impõe-se a tentativa de evitar o contato pernicioso com a bandidagem, a droga, a inatividade.

A grande reivindicação, nestes casos, é por melhores escolas: mais seguras, mais “fortes”, mais “contentoras” das crianças e jovens.

### **As necessidades e reivindicações**

O sentimento de insegurança que o morador do Glicério manifesta insistentemente, vai se refletir na maneira como se refere ao que seria desejável mudar no bairro.

Em primeiro lugar, medidas que o tornem mais seguro: isso implica desde a melhor iluminação das ruas, becos, vielas, praças, cantos até um policiamento mais presente (para alguns), passando pela oferta de atividades de lazer, convivência, formação profissional, estudo.

Ninguém reivindica abertamente, pelo menos, o fim dos cortiços, a retirada dos moradores de rua, o fim dos “lixões” e da atividade de reciclagem que ocorre na região, nem tampouco o aumento ostensivo da vigilância e da repressão.

A compreensão de que a questão é complexa e de solução difícil e delicada está, o tempo todo, implícita no discurso dos moradores. Se há “outros” responsáveis pela “sujeira” do bairro, certamente não seria pela sua eliminação que o problema se resolveria. Embora não seja assim explicitado, parece haver uma concordância tácita de que cada um, algum dia desses, pode vir a se tornar esse “outro” mais desfavorecido pela sorte.

Aqui e ali, muitas vezes de forma indireta, as pessoas manifestam a crença de que faltam pontos de encontro, oportunidades de contato e convivência entre os moradores: por que não são feitos mutirões de limpeza no bairro? Por que as relações de solidariedade são escassas? Por que não há um cuidado maior com as crianças, os jovens, os idosos?

E mais: por que o preconceito acerca do bairro e seus moradores é tão forte e presente? O que determina a feiúra e o abandono: as condições e a “qualidade” dos moradores? Ou os moradores nele estão justamente porque o bairro é pobre e deteriorado?

A melhora das condições de vida na região implica na recuperação, manutenção e embelezamento das ruas e logradouros: limpeza, conserto e ampliação de calçadas, melhor iluminação, pintura dos baixos dos viadutos, retirada dos lixões, coleta de lixo, preservação das fachadas dos edifícios mais antigos.

Implica, sobretudo, na oferta de equipamentos coletivos de lazer, encontro e convivência, onde caberiam a alegria, a confraternização, a festa, a presença de todas as idades, rostos, cores, tipos...

### **Mas que tipo de equipamentos?**

Aqui é preciso estabelecer a diferença entre a **nossa visão** e a **deles**.

Muito provavelmente o que representa qualidade de vida para nós, profissionais de classe média, intelectualizados, não é o mesmo que para os moradores do Glicério.

Assim, por exemplo, o conceito de espaços amplos, abertos, capazes de abrigar muitas pessoas, não parece seduzi-los. Pelo contrário, tudo indica que a sensação recorrente de insegurança implique na necessidade de contar com espaços menores, mais protegidos, aconchegantes, que propiciem a sensação de acolhimento, inclusão e pertencimento.

A questão mais flagrante de nossos entrevistados em sua relação com o bairro parece ser exatamente a ausência do sentimento de pertencimento e inclusão e seus corolários: aconchego, cuidado, proteção, sentido, direção, esperança, otimismo...

Neste sentido, toda intervenção que resulte na criação de pequenos espaços de convivência, que propiciem o surgimento de uma camaradagem entre os moradores parece ter chance de ser bem recebida e ir ao encontro de seus anseios mais urgentes.

Hoje, os locais de convivência do bairro acham-se já “ocupados”, viciados e impossibilitam novos usos, novas “leituras” e registros. Seria preciso desconstruí-los e imprimir neles novas feições para que se transformassem em possíveis áreas de fruição e aproveitamento.

Talvez seja mais fácil criar novas alternativas do que “apagar” os registros já existentes nos locais eleitos pelos que ousam utilizar os espaços “públicos”.

Finalmente, a sensação dos pesquisadores de que o bairro “não possui uma alma”, de certo modo é reforçada pelas descrições, referências e avaliações dos moradores.

Tudo se passa como se o Glicério não possuísse uma identidade, uma personalidade, como se ele abrigasse tão-somente o provisório, o inconstante, o inseguro.

Ou como se sua “alma” fosse, antes de tudo, “perversa”: ao mesmo tempo em que oferece guarida para os desvalidos, condena-os ao preconceito, à exclusão, à insegurança, ao desconforto, ao controle e à submissão.

É preciso haver um vínculo forte, antigo, significativo para que o morador valorize o Glicério. É assim para quem nasceu, cresceu e viveu toda sua vida no bairro (caso de alguns poucos entrevistados); ou para quem viu os filhos crescerem nas suas imediações (caso de um casal de moradores “maduros”); ou, ainda, para quem tira o próprio sustento da região (caso do comerciante que não consegue vender seu “ponto” pela desvalorização de seu imóvel).

Para todos os outros, melhor seria deixar o bairro e mudar-se para outras regiões – essas sim, mais “humanas”, solidárias, aconchegantes, seguras – como insistem os entrevistados jovens da amostra.

A proposta de pequenas intervenções que resultem em uma melhoria da paisagem e do ambiente do Glicério B parece, portanto, adequada

às condições atuais do bairro e à forma como ele é vivido e percebido por seus moradores.

Idealmente, seria recomendável monitorar essas pequenas intervenções ao longo do tempo: como são aceitas e decodificadas pelos moradores? O que acontece com os locais? Que tipos de usos lhe são destinados? Como as pessoas passam a se referir a eles? Como impactam na percepção do bairro?